

DISCURSOS DE POSSE DOS PRESIDENTES DO STF AS MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS E O *ETHOS* DO PODER JUDICIÁRIO

Claudia Maria Gil Silva (UERJ e UniFOA)
cacaigil@bol.com.br

1. *Sobre os discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal*

Acreditamos na democracia como regime ideal para os homens e sabemos que ela se assenta no prevalectimento das leis. Mas leis não se aplicam sozinhas. E os juízes, aos quais incumbe a aplicação delas, isto é, a função altíssima de dar vida a esses textos, encarnam poderes – por assim dizer – divinos. (Fragmento do discurso de posse do Presidente do STF, Ministro Lafayette Andrada – Brasília, 1962)

Abrigos da história de um poder e suportes da imagem que dele se constrói, constituem os discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal um tomo indispensável para o estudo da linguagem como templo da palavra em movimento no tempo e no espaço.

Um lugar que revela uma prática comunicativa institucional capaz de retratar as distintas posições sócio-políticas, de épocas várias, de um Brasil e de um Poder. Tais discursos apresentam-se impregnados de uma carga semântica e ideológica que os entrelaça a outros discursos e enunciadores, constituindo-se, portanto, num *corpus* essencialmente dialógico.

Discursos em que a ocorrência de manifestações metafóricas e metonímicas é capaz de forjar a realização de novos dizeres, uma vez que essas manifestações permitem o desdobramento de significados, além de convergirem para a concepção de diferentes identidades – individuais ou coletivas – que são capazes de denotar a imagem dos sujeitos enunciativos e da instituição que representam.

Discursos em que é possível verificar que o binômio *palavra / poder* é, ao mesmo tempo, alicerce e compositor de uma imagem; que presidência e presidentes são o resultado de uma dupla identidade que se funde em uma só, ou seja, o enunciador referenda a ima-

gem do poder que assume e vice-versa, construindo, dessa forma, o *ethos* do Poder Judiciário no Brasil.

Discursos em que a seleção e a combinação do léxico, cuidadosamente realizadas para a construção dos sentidos, conduzem-nos à leitura e identificação de uma imagem não apagada pelo tempo, e ainda constantemente fortalecida por enunciadores capazes de estabelecer em seus textos o modo com que pretendem se ver relacionados com o outro.

Discursos proferidos por vinte e seis homens e apenas uma mulher no período de 1962 a 2010; que revelam a imagem de um Poder construída pelo próprio Poder por meio de seus respectivos membros na investidura de sua presidência. Discursos que definem um *ethos* que transita pelo tempo; que conclamam vozes outras para confirmarem a marca que não se quer dissociar dessa Instituição. Discursos que elevam o Poder Judiciário à altura do “Poder Divino”, uma vez que unem as características pessoais de seus membros à “missão” institucional que desempenham.

2. Sobre a palavra

Criada com o objetivo primeiro de decalcar a realidade, a palavra transforma-se quando assume a função do *dizer*, uma vez que se associa a outras palavras e insere-se em um determinado contexto, representando o homem diante de outro homem na construção de uma história e de uma imagem.

Desde o momento de sua formação, quando selecionados os elementos de sua estrutura interna até a relação formal que estabelece com outras, a palavra dá ao homem a liberdade de se pôr no mundo e, nesse movimento *palavra/homem/mundo* as sociedades se instalam, as relações de força que se estabelecem entre os sujeitos são acionadas e a assimetria de papéis presente nas relações sociais se solidificam e fortalecem.

Palavras são, portanto, sinais cujos significados se constroem na boca de quem as pronuncia, nos olhos de quem as lê, nos ouvidos de quem as escuta. Só a palavra pode oferecer ao homem a oportuni-

dade de dizer(-se), de revelar(-se), de libertar(-se) ou de prender(-se) em um mundo onde ela é, ao mesmo tempo, a chave e a tranca: porta para todas as (im)possibilidades.

Correia e Lemos (2005, p. 66) propõem, para a palavra, alguns conceitos e reflexões. Por *palavra típica*, por exemplo, entendem ser aquela que, no discurso escrito, representa a “sucessão de caracteres delimitados por espaços em branco, (a chamada ‘palavra gráfica’)”; palavras que assumem dimensão superior à palavra gráfica: sintagmas que se formam por mais de uma palavra e as locuções preposicionais, conjuncionais e adverbiais; palavras que assumem dimensão inferior à palavra gráfica, sem autonomia para funcionarem sozinhas, isoladamente, pois não ocupam posição sintática alguma, apenas funcionam como elementos compositores de outras palavras e, por fim, as expressões idiomáticas que comportam significados que vão além da sua estrutura e de seus componentes.

Segundo as autoras, portanto, poderíamos afirmar que as palavras podem ser consideradas como símbolos do universo real ou imaginário do homem e, por isso, há aquelas que podem mais, que sabem mais longe, que atravessam outras palavras ou cruzam-se com elas para poderem significar. E há, no entanto, aquelas cuja significação reporta apenas a seus próprios elementos de construção.

3. *Sobre as criações neológicas*

Assim como há palavras que, cansadas, abandonam o cenário discursivo, há outras, no entanto, que invadem esse cenário abandonando o seu sentido primeiro, soldando-se a outros significados em busca de traduzir o pensamento humano. Esse mesmo pensamento, às vezes, necessita de criar um novo componente lingüístico para tornar-se concreto. São assim criados os neologismos, cujo objetivo é o enriquecimento da língua.

Para Alves (1994), a ocorrência dos neologismos pode se dar das seguintes formas:

- **fonológicos:** quando ocorre a criação de um item lexical cuja base do significante não se encontra presente na lín-

gua. Muito raro de se dar pelo fato de sua difícil decodificação e compreensão pelos falantes dessa mesma língua.

- **sintáticos:** quando a combinação dos elementos que os constituem não está relacionada simplesmente à formação do léxico, mas principalmente à frase em que estão inseridos, por alterarem classes e funções.
- **semânticos:** quando um componente lexical já existente em uma língua incorpora um significado novo, não institucionalizado.
- **truncação:** palavra criada por um tipo de abreviação em que se elimina uma parte da seqüência lexical, geralmente sua parte final.
- **palavra-valise:** criada a partir da redução dos elementos de duas bases (ou apenas de uma delas) para criar um novo léxico – perda da parte final de uma base e a parte inicial de outra. Esse processo também é conhecido por cruzamento vocabular, palavra *portmanteau*, contaminação, entre outros.
- **reduplicação:** repetição da base de uma palavra a fim de construir um novo léxico.
- **Derivação regressiva:** na língua portuguesa, essa ocorrência se dá, principalmente, quando há a substantivação de formas verbais e seguido pelo acréscimo da vogais *-a*, *-e* e *-o* ao radical do verbo.
- **Por empréstimo:** uso de unidade léxica estrangeira, seguida ou não de sua tradução, tendo sua estrutura alterada ou não.

Há, portanto, diversas formas pelas quais o homem pode conceber e expressar o conhecimento resultante da sua vida em sociedade e a forma como ele utiliza a palavra, quando explora o seu valor simbólico, permite que seja reconhecido, identificado entre tantos como único, uma vez que espelha, em seu discurso, a imagem que faz de si e que deseja ver compartilhada.

4. *Sobre os neologismos semânticos*

Por expressar nova associação entre significado e significante, uma palavra ou expressão poder ser considerada um neologismo semântico. Para M Louis Guilbert (*Apud VALENTE*, 2005, p. 131), a neologia semântica se concretiza no âmbito do lexema e pode apresentar-se sob três formas:

- **a neologia sintagmática:** quando se dá a modificação do agrupamento dos semas referentes a um lexema, sem haver, no entanto, a modificação da forma deste. Consiste nas construções metafóricas e metonímicas, por exemplo, as quais serão objetos de análise deste artigo.
- **a neologia por conversão:** afeta a categoria gramatical do lexema, ou seja, além de impregnado de novo sentido, desloca-se de sua classe gramatical de origem para assumir outra.
- **a neologia sociológica:** quando um termo pertencente a um jargão profissional passa ou a incorporar a linguagem de um outro grupo profissional, rompendo com o significado primeiro para ajustar-se ao novo meio, ou mesmo quando passa a habitar a linguagem usual de um grupo de falantes, adaptando-se, também, à sua nova condição discursiva.

5. *A análise do corpus*

5.1. **Fragmentos do discurso de agradecimento do Ministro Lafayette Andrada como o primeiro Presidente do Supremo Tribunal Federal eleito e empossado em Brasília**

(...) Mas as leis não se aplicam sozinhas. Os juízes, aos quais incumbe a aplicação delas, isto é, a função altíssima de dar vida a esses textos, encarnam poderes – por assim dizer – divinos.

- “...a função altíssima de dar vida a esses textos, ...” remete à passagem bíblica, escrita no 1º livro do Antigo Testamento: “*Deus disse...*” (*Gênesis*) e tudo foi feito;
- a construção metafórica dialoga com a história registrada no mais sagrado dos livros, onde está documentada a magia da palavra, que, como brasa na boca de Deus, queima e se derrama sobre o abismo informe e vazio que era a terra e se transforma no grande mistério da vida, no princípio de tudo, de tudo o que está feito, de tudo o que está escrito.
- a função altíssima do juiz é transformar palavra em justiça, é animar o inanimado, implicando, concomitantemente, a construção metonímica *o juiz é a justiça* ou vice-versa, *a justiça é o juiz*.

“Sei quão difícil, árdua, hercúlea, a missão do juiz, mas nada há tão nobilitante.”

- utiliza a marca de não-pessoa em “...hercúlea, a missão **do juiz**”, permitindo que enunciador e coenunciadores compartilhem a imagem criada do herói, daquele que foi o deus dos exércitos;
- atravessa, novamente, o tempo na história da humanidade ao retomar a imagem de Hércules e inscrevê-la no discurso com o fim de confirmar o *ethos divino*, numa metáfora que supervaloriza a *função* do juiz, que aqui é tratada como *missão* e que garante a esse representante do Poder Judiciário um título de nobreza.

“Encerro essas palavras, invocando a proteção divina para que, *sob seu pálio, que sempre me cobriu*, encontre eu forças para manter bem alta a *Presidência do Supremo Tribunal Federal*.”

- invoca a proteção divina, mas, ao mesmo tempo, compartilha *com Deus* o manto *de Deus*, ora fazendo uso da pessoa ampliada, ora da pessoa restrita: “*o seu pálio, que*

sempre me cobriu...” o que, metaforicamente, conota: *a toga do juiz é o manto de Deus*;

- tanto o *manto* quanto a *toga* representam, metonimicamente, o poder, que nesse contexto, igualam-se, sustentando do *ethos divino*;
- tal proteção tem o objetivo de “*manter bem alta a Presidência do Supremo Tribunal Federal.*”, ratificando a idéia de que o Supremo Tribunal Federal se eleva a uma altura inimaginável, só alcançada por Deus e pelos membros integrantes do “Poder Judiciário(-Divino)”.

5.2. Fragmento do discurso de Posse da Ministra Ellen Gracie como Presidente do Supremo Tribunal Federal (e primeira mulher a ocupar esse cargo no Brasil)

“Talvez por isso é que visionariamente, como é próprio dos artistas, e desejando um futuro em que não seja necessário fazer *uso tão freqüente da balança, nem brandir a espada para garantir a execução do julgado*, que o gênio de Ceschiatti fez repousar tranqüilamente a *Themis* que dá as boas vindas aos que adentram a *esta Casa*. Ela representa o ideal a ser perseguido, o de uma sociedade pacificada, que nada distraia de seu grande futuro. Onde a *Justiça, como uma senhora que é, possa sentar-se em dignidade*, e descansar sobre o regaço o gládio que é seu atributo impositivo.

- ao inscrever a deusa *Themis* na cena enunciativa, o enunciador instala a marca da divindade e, ao mesmo tempo, autoriza o símbolo da *Justiça* a tomar vida mais uma vez na terra como a guardiã que sempre fora.
- realiza isso entre a construção metonímica *uso tão freqüente da balança*, que suscita o equilíbrio singular de que necessitam os juízes nos julgamentos que realizam e decisões que proferem, e a construção metafórica e, ao mesmo tempo, metonímica *brandir a espada para garantir a execução do julgado*, que estabelece entre *caneta* e *espada* uma relação singular e ímpar de único instrumento e gesto capazes de proteger o ser humano da não-justiça.

- estará, portanto, o juramento/compromisso que profere o eu enunciativo, em seu discurso de posse, também “guardado” por ela.
- ratifica a crença de que a palavra do enunciador será acatada tanto por homens quanto por deuses assim como as leis e oráculos proferidos por Themis.
- a marca da intertextualidade permeia o discurso de posse da Ministra Ellen Gracie, uma vez que dialoga com a mitologia;
- o lugar discursivo, representado nesse parágrafo por “*esta Casa*”, apontará a construção de um tempo. Um tempo discursivo que colabora para a construção da imagem de um enunciador justo, que crê na possibilidade de um *presente* que caminha ao encontro de um *futuro* pacífico para a sociedade e digno para a Justiça, assim como quis Deus. O desejo do Poder Judiciário é o desejo de Deus.
- ainda em “*esta casa*”, uma relação metafórica subjaz à “*casa de Deus*”, que também “construiu” na Terra a Sua casa, a casa onde os homens podem se abrigar, encontrar a paz, o perdão, a justiça etc.;
- “(...) *Justiça, como uma senhora que é, possa sentar-se em dignidade (...)*” remete, novamente, à imagem feminina e divina de *Themis*, numa relação ora metonímica, em referência aos poderes da deusa, ora metafórica à própria deusa, confirmando o *ethos divino* tanto do enunciador quando do Poder Judiciário no Brasil.

6. Considerações Finais

- Para que nos vejamos dentro de um ato de linguagem, é necessário produzirmos discursos impregnados de uma determinada carga semântica capaz de os entrelaçar a outros discursos e enunciadores, em tempos vários.
- No plano de estudo dos processos neológicos é possível

perceber que a palavra transita num universo discursivo, cuja finalidade é constituir sentidos.

- Que pela inovação ou modificação de sentido das palavras e expressões de uma língua é possível construir um mundo paralelo ao real e resgatar seres e imagens de tempos distantes, inserindo-os na contemporaneidade.
- Os processos metafóricos e metonímicos trazidos para estudo neste artigo constituem novidades tanto em si mesmos, uma vez que tanto na seleção dos semas – constituintes sintagmáticos do discurso – como também no resultado semântico, a modificação não afeta o léxico.
- Os fragmentos selecionados neste artigo foram retirados de dois discursos que representam momentos importantes na história do Poder Judiciário e do Brasil. Lafayette Andrada foi o primeiro ministro do STF do Brasil Novo, eleito e empossado em Brasília – nova (e atual) capital do Brasil – e, Ellen Gracie, a primeira mulher no STF e a primeira a ocupar a presidência desse Poder.
- Nos discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal os processos neológicos semânticos analisados podem, também, ser estudados sob outros vieses (O da neologia por conversão ou sociológica, por exemplo), o que garantiria a continuidade e aprofundamento desse estudo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. BARROS, Diana L. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana L. Pessoa de, FIORIN, José Luiz (org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

CORREIA, Margarida e LEMOS, Lucia San Payo de. *A inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri/APP, 2005.

DASCAL, Marcelo. “O *ethos* na argumentação: uma abordagem pragma-retórica.” Ruth Amossy (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FEDERAL, Supremo Tribunal. *Posses Presidenciais*. Brasília 1962-2004. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análises de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

VALENTE, André. “Produtividade lexical: criações neológicas”. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e GRAVAZZI, Ingrid. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Neologismos literários em romance de Mia Couto. In: Valente, André (org.) *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.